



TIKTOK, EDUCAÇÃO E JUVENTUDES: NARRATIVAS SOBRE MISOGINIA E CYBERBULLYING A PARTIR DA SÉRIE *ADOLESCÊNCIA*

TIKTOK, EDUCATION AND YOUTH: NARRATIVES OF MISOGYNY AND CYBERBULLYING FROM THE SERIES *ADOLESCENCE*

TIKTOK, EDUCACIÓN Y JUVENTUDES: NARRATIVAS SOBRE LA MISOGINIA Y EL CIBERACOSO A PARTIR DE LA SERIE *ADOLESCENCIA*

Rebeca Teodório dos Santos e Silva¹
Kaio Eduardo de Jesus Oliveira²

RESUMO

A popularização do TikTok entre adolescentes evidencia sua relevância para além do entretenimento, configurando-se como espaço de socialização marcado por narrativas que podem reforçar violências simbólicas. O presente estudo tem como objetivo discutir de que maneira a comunicação mediada pelo TikTok contribui para a reiteração de práticas de misoginia e cyberbullying, em diálogo com as narrativas da série britânica *Adolescência*, buscando evidenciar seus impactos educacionais e formativos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória e analítica, centrada na análise de conteúdo (Bardin, 2011) da série *Adolescência*, articulada à revisão bibliográfica e documental. Foram mobilizados autores de estudos sobre cultura digital, plataformação e educação midiática, e as análises foram organizadas em três categorias: (a) representações de misoginia, (b) práticas de cyberbullying e (c) mediação tecnológica nas relações juvenis. Os resultados indicam que, no TikTok, práticas de hostilidade contra mulheres e discursos de ódio são naturalizados e frequentemente disfarçados de humor, entretenimento ou autoajuda, funcionando como mecanismos de normalização da misoginia e do silenciamento simbólico. Já a série *Adolescência* promove uma discussão crítica sobre essas dinâmicas, evidenciando os impactos formativos e sociais da violência simbólica nas interações juvenis. Conclui-se que tais fenômenos reforçam a necessidade de estratégias de educação midiática crítica capazes de problematizar os efeitos da cultura digital na socialização e no convívio escolar.

PALAVRAS-CHAVE: TikTok. Misoginia. Cyberbullying. Adolescência. Educação midiática.

ABSTRACT

The popularization of TikTok among adolescents highlights its relevance beyond entertainment, establishing it as a space for socialization marked by narratives that can reinforce symbolic violence. This study aims to discuss how communication mediated by TikTok contributes to the reiteration of misogyny and cyberbullying practices, in dialogue with the narratives of the British series *Adolescence*, seeking to highlight their educational and formative impacts. It is a qualitative, exploratory, and analytical research centered on content analysis (Bardin,

Submetido em: 22/09/2025 – Aceito em: 03/12/2025 – Publicado em: 01/08/2026

¹Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Artes pelo Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (2025).

² Professor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Docente do Programa de Pós-graduação em Cultura, Linguagens e Territórios-PPGCULT/ UFRB.



2011) of the series *Adolescence*, articulated with bibliographic and documentary review. Authors from studies on digital culture, platformization, and media education were mobilized, and the analyses were organized into three categories: (a) representations of misogyny, (b) cyberbullying practices, and (c) technological mediation in youth relationships. The results indicate that, on TikTok, hostile practices against women and hate speech are naturalized and often disguised as humor, entertainment, or self-help, functioning as mechanisms for the normalization of misogyny and symbolic silencing. The series *Adolescence*, on the other hand, promotes a critical discussion about these dynamics, highlighting the formative and social impacts of symbolic violence on youth interactions. It is concluded that such phenomena reinforce the need for critical media education strategies capable of problematizing the effects of digital culture on socialization and school life.

KEYWORDS: TikTok. Misogyny. Cyberbullying. Adolescence. Media education.

RESUMEN

La popularización de TikTok entre los adolescentes evidencia su relevancia más allá del entretenimiento, configurándose como un espacio de socialización marcado por narrativas que pueden reforzar violencias simbólicas. El presente estudio tiene como objetivo discutir de qué manera la comunicación mediada por TikTok contribuye a la reiteración de prácticas de misoginia y ciberacoso, en diálogo con las narrativas de la serie británica *Adolescence*, buscando evidenciar sus impactos educativos y formativos. Se trata de una investigación cualitativa, con enfoque exploratorio y analítico, centrada en el análisis de contenido (Bardin, 2011) de la serie *Adolescence*, articulada con una revisión bibliográfica y documental. Se movilizaron autores de estudios sobre cultura digital, plataforma y educación mediática, y los análisis se organizaron en tres categorías: (a) representaciones de misoginia, (b) prácticas de ciberacoso y (c) mediación tecnológica en las relaciones juveniles. Los resultados indican que, en TikTok, las prácticas hostiles contra las mujeres y los discursos de odio se naturalizan y frecuentemente se disfrazan de humor, entretenimiento o autoayuda, funcionando como mecanismos de normalización de la misoginia y del silenciamiento simbólico. Por su parte, la serie *Adolescence* promueve una discusión crítica sobre estas dinámicas, evidenciando los impactos formativos y sociales de la violencia simbólica en las interacciones juveniles. Se concluye que tales fenómenos refuerzan la necesidad de estrategias de educación mediática crítica capaces de problematizar los efectos de la cultura digital en la socialización y la convivencia escolar.

PALABRAS CLAVE: TikTok. Misoginia. Ciberacoso. Adolescencia. Educación mediática.

INTRODUÇÃO

A popularização das mídias digitais na última década transformou profundamente os modos de comunicação, de sociabilidade e de aprendizagem. Tais mudanças não apenas se limitam a aspectos técnicos, mas impactam diretamente nos processos culturais e educativos, influenciando como adolescentes estabelecem vínculos, compartilham experiências e atribuem sentidos sobre si e sobre o mundo que os cerca.

Nesse cenário, o TikTok se disseminou sob a lógica do entretenimento, mas também se consolidou como um espaço de circulação de informações e de construção identitária. Seu consumo e produção de conteúdos ultrapassam o lazer, tornando-se centrais nas práticas sociais contemporâneas, sobretudo entre crianças e adolescentes. A plataforma opera por meio de um modelo contínuo de vídeos curtos e narrativas fragmentadas, sustentado por algoritmos de recomendação que mobilizam ciclos de retroalimentação, reduzindo a atenção sustentada. Através dessa característica, o usuário “perde ligeiramente o controle daquilo que vê, visto que é influenciado pelo conteúdo desfrutado ao seu redor” (AIRES, 2024, p. 3), e nesse panorama de hiperconectividade, a dinâmica midiática é atravessada pela velocidade da



sobrecarga informacional e pela performatividade algorítmica da plataforma.

Embora mobilize criatividade e autoria, o TikTok também se configura como ambiente de disputas simbólicas, marcado pela exposição e pela mediação algorítmica, o que amplia riscos de exposição a conteúdos e práticas nocivas. Entre elas, destacam-se a disseminação de discursos de ódio, a cultura do cancelamento, a naturalização da misoginia e práticas de *cyberbullying*, inseridos em uma ambiência comunicacional no qual a busca por visibilidade e pertencimento se mistura à propagação de conteúdos violentos e discriminatórios.

É nesse contexto, que a série britânica *Adolescência* (Netflix, 2025) dialoga com este cenário, pois surge como produção audiovisual que permite refletir socialmente estes fenômenos. Ao narrar a história de um adolescente envolvido em um crime, permeado por discursos de ódio articulados por interações online, a trama expõe aspectos sobre misoginia e *cyberbullying*, nos quais embora ficcionais, articula experiências vividas por adolescentes em ambientes digitais contemporâneos.

Sendo assim, o presente artigo orienta-se pela seguinte questão: de que modo o TikTok contribui para a reiteração de narrativas misóginas e práticas de *cyberbullying*, e quais desafios esse fenômeno da cultura digital coloca para a educação midiática? Como objetivo geral, buscou-se analisar as dinâmicas comunicacionais mediadas pela plataforma TikTok em diálogo com representações presentes na série *Adolescência*, evidenciando seus impactos educacionais e formativos.

Para tanto, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter analítico-descritivo, tendo como procedimento metodológico central um estudo de caso da série *Adolescência*. Para a análise da série, foram assistidos integralmente aos quatro episódios da primeira temporada³, com foco na identificação de cenas que articulam as categorias: (a) representações de misoginia, (b) práticas de *cyberbullying* e (c) mediação tecnológica nas relações juvenis. A interpretação foi realizada em cruzamento com o referencial teórico da cultura digital e educação midiática e os exemplos de perfis de influenciadores citados no trabalho, foram selecionados por sua recorrência e centralidade na produção de conteúdo relacionado as categorias na plataforma, servindo como ilustrações emblemáticas das dinâmicas analisadas. A investigação também se apoiou em uma pesquisa bibliográfica e documental, abrangendo artigos científicos e relatórios de organizações da sociedade civil.

A escolha desse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de compreender criticamente as narrativas digitais em sua dimensão simbólica, comunicacional e educativa. Com isso, buscou-se não apenas descrever as práticas de misoginia e de *cyberbullying*, mas também problematizar seus efeitos na formação dos adolescentes. Dessa forma, nas páginas a seguir serão discutidos os impactos e os dilemas mobilizados pelas linguagens da cultura digital, as implicações das plataformas digitais e dos algoritmos na disseminação e mediação

³ Até outubro de 2025, encontrava-se disponível apenas a primeira temporada da série, que foi a considerada na pesquisa. Caso novas temporadas sejam lançadas posteriormente, estas não integram o escopo do estudo.



de conteúdos e como a série mobiliza através da ficção, as narrativas que são produzidas e compartilhadas em plataformas e mídias digitais como o Tiktok.

AS LINGUAGENS DA CULTURA DIGITAL

A cultura digital emerge das transformações tecnológicas que reconfiguraram os meios de comunicação, incorporando-os intensamente ao cotidiano e alterando hábitos e práticas socioculturais em nosso tempo. Trata-se de um conceito em expansão, marcado por autoria, participação e consumo em rede, manifestando-se nas interações e experiências híbridas mediadas por dispositivos digitais, tornando-se central para compreender a vida contemporânea.

Segundo Santaella (2023), esse processo multifacetado produz novas dinâmicas sociais e comunicacionais que são marcadas pela intensidade e rapidez, e que estão mudando não apenas as formas de entretenimento, mas também potencializando todas as esferas sociais. O ciberespaço, nesse contexto, caracteriza-se como espaço global de conectividade e multimodalidade, onde é possível consumir, criar e compartilhar conteúdos de forma instantânea. Como define a autora:

O ciberespaço deve ser concebido, portanto, como um mundo global, hipercomplexo, mas coerente, espaço que independe do modo como se acede a ele e como se navega nele. [...] ele continua presente, ou melhor, onipresente a um simples toque de dedos em levíssimos dispositivos sempre na palma de nossas mãos (SANTAELLA, 2023, p. 88).

A cultura digital se organiza por múltiplas linguagens, sejam elas visuais, sonoras, audiovisuais, entre outros modelos e formatos oriundos do remix e da reconfiguração em rede. Se, por um lado, amplia participação e visibilidade de movimentos sociais, por outro, intensifica desigualdades históricas ligadas a classe, gênero, raça e território. Enquanto dimensão constitutiva das relações sociais, a cultura digital impõe reflexões sobre a educação, pois altera as formas de aprender e ensinar. A informação globalizada e digitalizada torna o acesso mais ágil e imediato e conseqüentemente, também exige um “conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica” (FREITAS, 2010, p. 339).

Na cultura digital, as linguagens são definidas por múltiplas camadas de significados, onde narrativas e discursos se entrelaçam de forma complexa. As plataformas digitais não apenas transmitem estas linguagens, mas moldam percepções, experiências e práticas sociais, produzindo sentidos que influenciam a maneira como os indivíduos interpretam o mundo ao seu redor. Nesse contexto, a comunicação não se reduz a simples transmissão de conteúdos, mas envolve processos dinâmicos de mediação cultural, representação e negociação simbólica.

Buckingham (2008) ressalta que as tecnologias digitais não podem ser reduzidas a ferramentas, pois carregam um enorme potencial cultural e comunicacional. Já em obra mais



recente, o autor enfatiza:

O pensamento crítico [...] é especialmente importante para lidar com a mídia. [...] A mídia representa o mundo de modos específicos e faz toda uma gama de alegações sobre ele (BUCKINGHAM, 2022, p. 70-71).

Essas reflexões evidenciam que a educação mediada pelas tecnologias digitais não pode se restringir ao uso instrumental, mas deve favorecer a formação crítica diante das múltiplas linguagens e narrativas que moldam percepções, valores e formas de sociabilidade. Investigar tais implicações significa compreender como crianças e adolescentes se constituem não apenas como consumidores, mas também como autores dentro do ambiente digital.

TIKTOK: A PLATAFORMA PARA ALÉM DAS “DANCINHAS”

O TikTok é uma plataforma de criação e compartilhamento de vídeos curtos que se consolidou como fenômeno global. Inicialmente associado a conteúdos de entretenimento, como “dancinhas” virais e desafios musicais, foi projetado para permitir que qualquer usuário produzisse vídeos verticais (com duração média entre 15 e 60, ou até 10 minutos), incorporando efeitos, filtros e trilhas sonoras. Esse formato favorece o consumo rápido e contínuo por meio da “rolagem infinita”, tornando a experiência envolvente e acessível. Além do entretenimento, o TikTok também tem se consolidado como espaço de circulação de tendências culturais e debates sociais.

A verticalização dos vídeos a partir desta plataforma, reconfigura paradigmas audiovisuais tradicionais. A lógica horizontal do cinema e da televisão, por exemplo, voltada à experiência coletiva e panorâmica, cede lugar a uma estética intimista e direta, marcada por outras formas de ver e de ser visto, reduzidas à micro-histórias adaptadas a tela de um *smartphone*, o que pode levar à superficialização das narrativas. Esse design, mais do que uma adaptação técnica à dispositivos móveis, reconfigura as experiências com a plataforma. O enquadramento vertical, associado à rolagem infinita, favorece a circulação acelerada de conteúdos e prolonga a permanência do usuário, alimentando o ciclo de produção de dados. Como destacam Van Dijck, Nieborg e Poell (2020, p. 4), “plataformas são infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”.

Entre os mecanismos de maior adesão, o *autoplay* que reproduz vídeos de forma sequencial e ilimitada, elimina a necessidade de escolha ativa. Essa lógica, mesmo demonstrando praticidade, também funciona como dispositivo de captura da atenção, prolongando a navegação e favorecendo a coleta massiva de dados. Mais do que recurso de usabilidade, o *autoplay* atua como tecnologia de vigilância, que modela comportamentos e restringe as possibilidades de escolha do usuário.



Outro elemento central é o algoritmo de recomendação, que opera por “priorização de interesses”, mantendo o usuário imerso ao oferecer conteúdos cada vez mais alinhados às suas preferências. Esse processo não apenas entrega vídeos, mas molda percepções e subjetividades. Como aponta Gillespie (2018):

Os algoritmos de recomendação mapeiam nossas preferências em relação a outros usuários, trazendo ao nosso encontro sugestões de fragmentos [...]. Eles gerenciam as nossas interações em sites de redes sociais, destacando as novidades de um amigo enquanto excluem as novidades de outro. Os algoritmos projetados para calcular o que ‘está em alta’, o que é ‘tendência’ ou o que é ‘mais discutido’ nos oferecem uma camada superficial das conversas aparentemente sem fim que estão disponíveis (GILLESPIE, 2018, p. 97).

Entre os formatos de vídeos existentes no TikTok, os tipos de conteúdos que mais se destacam e ocupam o patamar de maior visibilidade são as tendências e desafios denominados como “*Trends*”, que se popularizam rapidamente dentro da plataforma sendo replicadas por milhares (ou até mesmo milhões) de usuários, seguindo uma lógica de padrão único e características semelhantes. Outro tipo de conteúdo muito consumido, são os vídeos classificados como humor e entretenimento, que ocupam uma categoria moldada por narrativas próprias, sendo desenvolvidas principalmente pelos chamados “*Creators*”⁴.

Diante de tais aspectos, é notável considerar que o sucesso do TikTok também se dá pelo foco no público adolescente, sendo estes atraídos pela dinamicidade rápida e pela reprodução automática presente nos mecanismos que constituem o sistema interativo da plataforma, já que o algoritmo de recomendação cria uma experiência baseada na lógica de que quanto mais interações são feitas, mais sugestões são recebidas. Essa intensa conexão entre a juventude e o TikTok não se mostra isenta de reflexões críticas, especialmente quando analisadas sob a ótica da chamada “economia da atenção”, que descreve como as plataformas digitais trabalham na captação e na manutenção de foco, a fim de maximizar o tempo e a permanência de navegação de seus usuários. Segundo Bentes (2021):

Com inúmeras ofertas de ferramentas para a produção e o consumo de imagens, plataformas on-line de sociabilidade modulam diferentes formas de ver e ser visto, indissociáveis de processos históricos de transformação em nossa percepção e subjetividade. Além disso, o modelo econômico que rege esse território híbrido de atores humanos e não humanos depende da captura da atenção de seus usuários para que eles passem o maior tempo possível conectados a seus serviços. Nessa relativamente recente economia da atenção, é imprescindível manter os usuários enganchados (BENTES, 2021, p. 18-19).

⁴ O termo “*Creators*”, se refere aos criadores de conteúdo e influenciadores digitais presentes nas mais variadas plataformas online, incluindo o TikTok.



A dinâmica de conteúdos curtos, moldados para serem virais e não necessariamente reflexivos, influencia diretamente comportamentos, práticas e opiniões, sobretudo entre adolescentes em processo de formação identitária e de pertencimento, e com isso, o TikTok deixa de ocupar a função de somente entreter. Essa lógica, também se converte em medida de status social, incentivando ações adaptadas ao algoritmo. Tal dinâmica pode gerar sentimentos de inadequação e necessidade de validação externa, especialmente a partir das interações.

A propagação acelerada dos vídeos não é um processo espontâneo, mas resultado da ação algorítmica que molda a circulação de conteúdos. Como observa Gillespie (2018, p. 3), ao utilizarmos ferramentas computacionais como meios de expressão, “passamos a sujeitar o discurso e o conhecimento humano a essas lógicas procedimentais que sustentam toda a computação”, e nesse sentido, a viralização e o engajamento a qualquer custo tornam-se centrais na plataforma, influenciando comportamentos e subjetividades.

Considerando o TikTok como mediador das subjetividades das juventudes conectadas, especialmente de adolescentes em formação, é fundamental refletir sobre como tais dinâmicas são representadas em produções culturais contemporâneas. A série *Adolescência* oferece um recorte relevante para este estudo, pois evidencia através da ficção como práticas de engajamento, busca por pertencimento e exposição em mídias digitais moldam experiências subjetivas e relações sociais. Dessa forma, a análise da obra a seguir, permite uma compreensão das representações simbólicas que traduzem tensões próprias da cultura digital.

ANÁLISES SOBRE A SÉRIE *ADOLESCÊNCIA*

Lançada em março de 2025 pela plataforma de *streaming* Netflix, a minissérie britânica *Adolescência* narra a história de *Jamie Miller*, um garoto de 13 anos acusado de assassinar uma colega de escola. A trama estabelece um vínculo entre o crime e discurso de ódio produzidos na internet, explorando como ambientes online, podem influenciar as interações de jovens e reforçar produção de violência e misoginia. A série discute como comunidades e mídias digitais funcionam como espaços de validação para emoções como rejeição, frustração e raiva, que podem desencadear atos de discriminação e violência. Neste trabalho, a série é examinada não apenas como produto audiovisual, mas como material cultural que reflete e tensiona práticas frequentemente reiteradas em plataformas digitais.

Logo nas primeiras cenas, a polícia invade a residência de *Jamie* para prendê-lo. Um plano-sequência contínuo coloca o espectador dentro da casa, em meio ao pânico dos familiares, à apreensão do garoto e à formalidade da ação policial, provocando estranhamento sobre a



acusação de um adolescente supostamente inocente. Os primeiros episódios reforçam essa ambiguidade ao mostrar *Jamie* em momentos de fragilidade, chorando e reafirmando sua inocência, enquanto a reação desesperada da família evidencia a tensão entre afeto, ordem social e responsabilidade, intensificando o impacto dramático da narrativa.

Porém, a série opta por não sustentar o mistério do crime e traz à tona um vídeo de uma câmera de segurança onde mostra *Jamie* golpeando a colega com uma faca, priorizando não mais a dúvida sobre a autoria do assassinato, mas sim a complexidade das motivações. Sendo assim, o contexto abre espaço para uma crítica incisiva sobre a temática da misoginia e do *cyberbullying* como um dos eixos estruturantes das experiências digitais de adolescentes. A violência não se limita ao ato físico, mas também está entrelaçada em processos simbólicos e comunicacionais que se desenvolvem dentro das plataformas digitais.

Embora a série *Adolescência* não cite explicitamente o TikTok, ela retrata dinâmicas tipicamente associadas a essa plataforma, como: o consumo compulsivo de conteúdos curtos em formato vertical (presente nas cenas de *Jamie* usando o celular); a circulação acelerada de conteúdos violentos e discursos de ódio; a influência dos algoritmos na definição do que é visto e consumido pelos usuários. Essas características, ainda que presentes em outras plataformas, encontram no TikTok sua expressão mais radicalizada.

No contexto deste trabalho, a análise concentra-se nesta plataforma devido ao seu caráter paradigmático na economia de atenção contemporânea (BENTES, 2021) e na viralização de comportamentos entre o público juvenil (CALIXTO, 2023). Nesse sentido, o TikTok é tomado como caso emblemático das dinâmicas platformizadas que a série busca criticar. Dessa maneira, embora seja retratada como ficção, a narrativa exposta dialoga com questões reais e atuais, que são vividas por adolescentes que se encontram cada vez mais imersos em um mundo hiperconectado, onde mídias digitais com grande alcance, como o TikTok, podem influenciar a produção de subjetividades, identidades e determinadas visões de mundo.

Segundo Douglas Calixto (2023), a dimensão do entretenimento presente no TikTok se apresenta como um fator substancial nas sociabilidades de nosso tempo, pois os jogos de projeção e de identificação existentes no aplicativo mantém os adolescentes engajados por horas, deslizando de um conteúdo para o outro, e é exatamente neste quesito que a difusão da misoginia e do *cyberbullying* acontece.

Neste contexto, a análise a seguir, foi estruturada a partir de três categorias analíticas, definidas com base na articulação entre os objetivos do estudo e o referencial teórico mobilizado: (a) representações de misoginia, (b) práticas de *cyberbullying* e (c) mediação tecnológica nas relações juvenis. Essas categorias emergiram da análise dos episódios da série *Adolescência* e de conteúdos recorrentes no TikTok, sendo delimitadas como eixos capazes



de revelar as dinâmicas de violência simbólica, exclusão e disputas de poder no ambiente digital.

Representações de misoginia e violência de gênero no TikTok

Nos últimos anos, o TikTok tem se consolidado como um espaço fértil para a circulação de conteúdos que mesclam humor e discursos sobre masculinidade, muitas vezes atravessados por nuances misóginas. Relatos de rejeição afetiva e comentários sobre relacionamentos ganham visibilidade sob a roupagem do entretenimento, mascarando ideologias que reforçam estereótipos de gênero. Esse fenômeno é confirmado por dados da SaferNet (2020), que apontam que o TikTok está entre os dez domínios online mais denunciados globalmente por violência e discriminação contra mulheres desde o ano de 2020, ocupando o primeiro lugar em 2021 e 2022. Isso revela que a misoginia não se limita às interações entre usuários, mas está inscrita na própria lógica algorítmica da plataforma, que prioriza conteúdos de alto engajamento, mesmo quando baseados em discursos de ódio.

Na série *Adolescência*, essa dinâmica é representada pela trajetória de *Jamie*, adolescente que acessa fóruns e comunidades digitais onde a hostilidade contra mulheres é naturalizada, em um ambiente análogo aos espaços do TikTok em que circulam narrativas misóginas. A trama mostra como o personagem é gradualmente influenciado por ideais próximos aos movimentos “*Incels*” (celibatários involuntários), que culpabilizam mulheres e mecanismos ligados aos feminismos por suas frustrações afetivas. Dinâmicas semelhantes aparecem no TikTok em conteúdos de *coaches* de relacionamento que difundem a ideia de que homens devem buscar “mulheres de alto valor” dentro do regime de heteronormatividade (SUZUKI, 2023), ou em *challenges* e *rankings* do tipo “expectativa vs. realidade”, que comparam e julgam mulheres segundo padrões estéticos e comportamentos impostos socialmente, reforçando uma cultura que reduz e desumaniza mulheres.

Tais formatos, direcionados majoritariamente a adolescentes do sexo masculino, utilizam uma linguagem sedutora de acolhimento, oferecendo respostas simplificadas a questões complexas de gênero e relacionamentos. Na série, o personagem principal encontra refúgio em comunidades online que validam sua raiva e insegurança, espelhando o modo como adolescentes podem ser seduzidos por conteúdos no TikTok que oferecem falso ‘consolo’ baseado na superioridade masculina.

Ao se apresentarem como conselhos de autoajuda ou estratégias para alcançar o “sucesso amoroso”, esses conteúdos consolidam discursos de dominação que moldam percepções individuais sobre masculinidade e feminilidade e, ao mesmo tempo, impactam coletivamente



a construção das masculinidades contemporâneas, normalizando a desconfiança em relação às mulheres e incentivando práticas de controle.

Em um ambiente altamente algorítmico como o TikTok, o risco se intensifica quando adolescentes passam a consumir tais discursos como verdades inquestionáveis, internalizando-os como parte de suas formações identitárias e afetivas. Nesse cenário, destaca-se o perfil “Café com Teu Pai” (ver Figura 01), com mais de 773 mil seguidores em agosto de 2025, que se popularizou ao produzir vídeos sobre relacionamentos com o intuito de “orientar” mulheres a compreenderem melhor os homens.

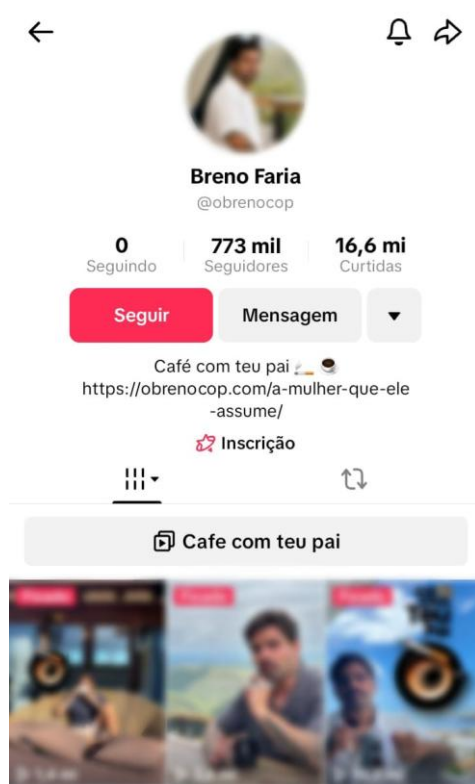


Figura 1. Print do perfil do influenciador Breno Faria (“Café com teu pai”) no TikTok
Fonte: Aplicativo TikTok (Captura de tela em agosto de 2025)

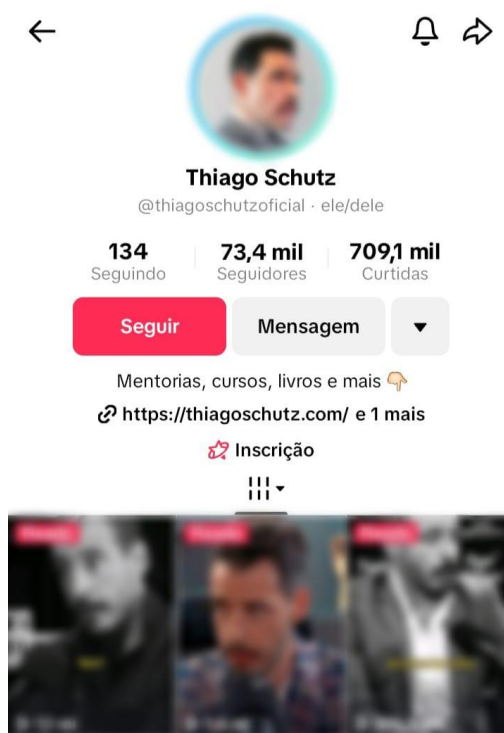
Embora apresentados de forma cômica e risível, tais conteúdos publicados na plataforma, carregam uma carga significativa de estereótipos de gênero e de naturalização da desigualdade entre homens e mulheres. O próprio título do perfil (que faz uma sátira ao livro “Café com Deus pai”) já sugere uma posição de autoridade masculina, na qual o influenciador se coloca como uma figura paterna que “aconselha”, trazendo principalmente a imagem hierárquica de gênero.



Ao centralizar o homem como medida da experiência e colocar a mulher no papel de quem precisa se “adaptar”, o perfil reproduz uma lógica patriarcal que influencia discursos misóginos que são constantemente consumidos, comentados, curtidos e rapidamente disseminados pelo algoritmo do TikTok. Entre os discursos mais presentes nos vídeos estão afirmações que vinculam o “valor” da mulher ao seu comportamento e à sua adequação às expectativas masculinas, o que contribui para a manutenção de uma visão utilitarista e desumanizadora do feminino.

Com isso, o perfil “Café com Teu Pai” atua na consolidação de um imaginário que reforça a aversão às mulheres e que normaliza a ideia de que elas existem como objeto de avaliação e julgamento. Sob o disfarce de humor, mobiliza discursos que naturalizam a discriminação simbólica e moral contra as mulheres, dando continuidade a um ciclo de misoginia que circula de maneira ampla na plataforma, especialmente entre adolescentes em formação subjetiva e social.

Um dos perfis analisados na plataforma TikTok é o de um influenciador que se autodenomina *coach* vinculado ao movimento *Red Pill*. Com aproximadamente 73,4 mil seguidores em agosto de 2025 (ver Figura 02), o perfil divulga conteúdos que reforçam estereótipos de gênero ao naturalizar uma lógica segundo a qual o propósito masculino se sobrepõe ao feminino. Sob a narrativa de oferecer “conselhos para relacionamentos”, suas publicações reiteram uma visão hierarquizada das relações entre homens e mulheres, contribuindo para a manutenção de discursos que deslegitimam a autonomia feminina.



**Figura 2.** Print do perfil do influenciador Thiago Schutz no TikTok

Fonte: Aplicativo TikTok (Captura de tela em agosto de 2025)

O movimento *Red Pill*, supostamente inspirado em uma interpretação do filme “*Matrix*”, defende que os homens devem “acordar” para uma provável dominação feminina. A apropriação do símbolo da pílula vermelha apresentada no filme como uma metáfora para a escolha, para o despertar e a para a consciência, é inserida no movimento *Red Pill* como uma possibilidade de “abertura de seus olhos para a realidade de que, segundo eles, a sociedade matriarcal em conjunto com o feminismo, tenta esconder dos homens” (MORAIS; CHAVEIRO, 2024, p.15-16).

Vale destacar que a série *Adolescência*, também traz uma breve abordagem sobre o movimento *Red Pill*, mais precisamente no segundo episódio, em que o personagem Adam, filho de um dos policiais investigadores do caso, explica a lógica da “pílula azul vs. pílula vermelha” e como esse vocabulário é usado por essas comunidades para codificar ideias misóginas nas redes sociais.

Com essa característica ligada ao movimento *Red Pill*, este tipo de influenciador digital amplifica a ideia de que a mulher ideal está em uma condição submissa, silenciosa e dependente, transformando a misoginia em conteúdo viral e rentável, principalmente em plataformas como o TikTok. Sendo assim, influenciadores com alto potencial de alcance como os exemplos analisados neste trabalho, ressignificam a misoginia em produto de consumo dentro do TikTok, reforçando suas ideologias sob a lógica do algoritmo, que privilegia e normaliza discursos com violências simbólicas contra mulheres, influenciando os seus públicos a difundirem as mesmas ameaças e ataques como parte das interações.

Práticas de *cyberbullying* no Tiktok

Em *Adolescência*, outro ponto bastante evidente e que se mostra diretamente interligado aos impactos gerados pelos discursos de ódio online e a pressão por aceitação, é o *cyberbullying*. Representado na série não apenas como um fenômeno isolado, mas também como parte de uma estrutura composta por fatores sociais e emocionais, o *cyberbullying* expõe grande parte dos jovens, devido à maior vulnerabilidade que eles apresentam. David Buckingham (2022), explica que através das chamadas *selfies* e perfis nas redes sociais, os adolescentes acabam se tornando suscetíveis à consequências negativas, principalmente para a saúde mental, o que inclui depressão e baixa autoestima.

No TikTok, o *cyberbullying* se manifesta através de ações classificadas como “expressões de opinião”, mas que frequentemente assumem a forma de insultos, humilhações e provocações em vídeos ou transmissões ao vivo. Muitas vezes, esses ataques ganham força coletiva



quando grupos de usuários se organizam para direcionar ofensas a um único perfil, realizando denúncias em massa com o intuito de reduzir o alcance de conteúdos ou até mesmo derrubar contas específicas. Essa lógica, ancorada no próprio funcionamento algorítmico da plataforma, intensifica as pressões psicológicas e reforça dinâmicas de exclusão.

A série *Adolescência* representa esse processo ao mostrar Jamie sendo exposto e hostilizado em comunidades digitais, onde a ridicularização pública e o julgamento coletivo se tornam parte do enredo. Assim como ocorre na trama, o TikTok transforma a ofensa em entretenimento, convertendo a dor individual em espetáculo coletivo em *trends* (tendências), desafios online e até mesmo em comentários. Esse mecanismo não apenas causa sofrimento emocional, ansiedade e isolamento social, mas também opera como um dispositivo de silenciamento e exclusão simbólica, em que as vítimas perdem voz e legitimidade dentro do espaço digital.

Em janeiro de 2024, o *cyberbullying* foi tipificado como crime no Brasil através da Lei 14.811/2024, e segundo dados coletados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025, p. 228) possuem mais de 452 boletins de ocorrência registrados envolvendo ameaças, intimidações e humilhações online. Esses números evidenciam o crescimento da violência digital e os desafios estruturais para enfrentá-la, já que, embora ocorram em ambientes online, as consequências são concretas, atingindo a saúde psicológica, as relações sociais e até mesmo a integridade física de jovens e adolescentes.

O TikTok, pela lógica de visibilidade rápida, vídeos curtos e interação em tempo real, potencializa esse tipo de prática. O caráter performativo dos conteúdos, aliado à possibilidade de edição e viralização, cria um terreno fértil para discursos de ódio, ridicularizações e exposições públicas, funcionando de modo análogo às comunidades virtuais retratadas na série, onde Jamie é constantemente julgado, vigiado e acusado, revelando a proximidade entre ficção e realidade digital.

Ao problematizar o TikTok em diálogo com a série *Adolescência*, torna-se possível identificar a reprodução de práticas de misoginia e *cyberbullying*, o que evidencia a centralidade das plataformas digitais na constituição das experiências sociais juvenis. Essa análise conduz à reflexão sobre a categoria de mediação tecnológica nas relações juvenis, apresentada a seguir. Ao compreender essas tecnologias não apenas como instrumentos de entretenimento, mas como ambientes de sociabilidade, nos quais identidades e relações são continuamente negociadas.

Mediação tecnológica nas relações juvenis



A crescente imersão de jovens em ambientes e plataformas digitais têm frequentemente gerado debates sobre a necessidade de promover educação midiática que esteja para além do mero domínio técnico das ferramentas digitais. O consumo consciente de conteúdos em plataformas como no caso dos TikTok, evidencia que os adolescentes não são apenas espectadores, mas também produtores de informação. Por isso é preciso qualificar os usos. David Buckingham (2022) destaca que:

A educação midiática não consiste em usar a mídia ou a tecnologia como ferramentas, como auxílios educacionais, nem mesmo como aparelhos de coleta de dados. Não consiste em alertar os jovens contra as várias formas de “mau comportamento” que a mídia parece incentivar. Tampouco consiste simplesmente em desenvolver habilidades técnicas ou proporcionar aos jovens oportunidades de se expressarem através da mídia. Na verdade, [...] ela se preocupa sobretudo em desenvolver o entendimento crítico (BUCKINGHAM, 2022, p.30).

Nesse contexto, a formação midiática crítica revela-se essencial, pois, na ausência dela, adolescentes tendem a ser conduzidos de forma passiva por discursos hegemônicos, estratégias de manipulação e violências simbólicas, como o *cyberbullying* e a misoginia evidenciados neste estudo. A relação entre o TikTok, a misoginia e o *cyberbullying* manifesta-se na reiteração e naturalização dessas violências no ambiente digital, o que torna a educação midiática um atributo ético e pedagógico ainda pouco explorado nos espaços escolares e familiares. Essa lacuna é também ressaltada na série *Adolescência*, ao evidenciar o encontro entre uma escola despreparada e famílias desinformadas diante dos desafios da cultura digital.

A série deixa explícito que não basta apenas restringir o acesso à internet, mas que também é preciso ensinar adolescentes a reconhecerem diferentes discursos de ódio e atos misóginos através da construção de um senso crítico diante de informações consumidas online e nas redes sociais, já que a educação midiática traz consigo compreensões analíticas abrangentes que não se limitam apenas ao aprendizado de uso de aparelhos eletrônicos, mas que também sucinta um entendimento questionador, reflexivo e saudável de como as mídias funcionam, se comunicam e como são produzidas e usadas, reconhecendo também a complexidade das formas modernas de comunicação, como bem relata David Buckingham (2022).

Portanto, a educação midiática deve ser compreendida como um eixo estratégico para a formação de adolescentes críticos, possibilitando que desenvolvam autonomia interpretativa e consciência sobre os impactos políticos, sociais e culturais daquilo que circula nos ambientes digitais, sendo mais do que um simples preparo de consumidores de informações e ocupando o lugar de construção de sujeitos capazes de compreender criticamente os processos comunicacionais e de intervir de maneira responsável no espaço público digital.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste trabalho evidenciou que tanto a série *Adolescência* quanto as dinâmicas do TikTok evidenciam como o ambiente digital, além de favorecer processos criativos e de sociabilidade, também funcionam como espaços de reiteração de violências, especialmente a misoginia e o *cyberbullying*. Essas práticas afetam diretamente as experiências de crianças e adolescentes e reforçam e ressignificam desigualdades e formas de subjetivação a partir das interações on-line.

O artigo foi orientado pela seguinte questão: de que modo o TikTok contribui para a reiteração de narrativas misóginas e práticas de *cyberbullying*, e quais desafios esse fenômeno da cultura digital coloca para a educação midiática? Assim, os resultados apontam que a misoginia no TikTok se manifesta de forma velada, muitas vezes disfarçada em discursos de humor ou ironia, mas que reforçam estereótipos de gênero e perpetuam lógicas patriarcais. Já o *cyberbullying*, por sua vez, ganha amplitude na plataforma, pois os ataques se disseminam rapidamente e alcançam grande visibilidade, potencializando danos emocionais e sociais.

Nesse sentido, a articulação entre a narrativa da série *Adolescência* e os exemplos observados no TikTok evidencia a necessidade de uma reflexão crítica sobre como essas práticas digitais moldam comportamentos e subjetividades. Se por um lado a plataforma oferece oportunidades de engajamento, autoria e criatividade, por outro também reproduz estruturas de violência e discursos de ódio. É nesse ponto que a educação midiática apresenta-se como uma essencial estratégia de formação para capacitar adolescentes a questionarem, compreenderem e a resistirem às dinâmicas de opressão no ambiente digital.

Com isso, é possível concluir que refletir sobre os impactos das plataformas na mediação das sociabilidades exige compreender o TikTok não apenas como entretenimento, mas como espaço de disputas simbólicas e formativas. A educação midiática assume papel central nesse processo, pois vai além do uso instrumental das tecnologias e promove consciência crítica diante das relações informacionais.

Dessa forma, os achados desta pesquisa indicam dois caminhos: a urgência da implementação de políticas educacionais que fortaleçam a educação midiática e a formação crítica de adolescentes, promovendo autonomia e resiliência sobre o uso das plataformas e sobre as narrativas que consomem e produzem; e a necessidade de marcos regulatórios que responsabilizem as plataformas por sua arquitetura algorítmica e práticas de moderação de conteúdo, assegurando transparência e compromisso com a proteção do público juvenil. Sendo assim, a construção de um ambiente digital democrático e seguro depende inextricavelmente da formação de usuários críticos e da regulação ética das tecnologias que moldam as interações sociais do nosso tempo.



REFERÊNCIAS

AIRES, Tatiana. **Tiktok**: escolhemos o que vemos ou o algoritmo escolhe por nós?. The Trends Hub: Revista Acadêmica de Tendências em Comunicação e Ciências Empresariais, n.4, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34630/tth.vi4.5701>. Acesso em: 30 set. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTES, Anna Carolina Franco. **Quase um tique**: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2021.

BRASIL, SaferNet. **Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos**. Disponível em: <https://indicadores.safernet.org.br/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BUCKINGHAM, David. **Aprendizagem e Cultura Digital**. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265564109_Aprendizagem_e_Cultura_Digital. Acesso em: 30 set. 2024.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **O avesso dos algoritmos**: sociabilidades na escola e mediações educacionais no ritmo do TikTok. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://encr.pw/doi-org-1011606-T272023>. Acesso em: 30 set. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2025.

GILLESPIE, Tarleton. **A relevância dos algoritmos**. Revista Parágrafo: Dossiê Mediações Algorítmicas: olhares das pesquisas em comunicação e mídia, 11a Edição, v. 6 n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MORAIS, Matheus de Ferreira; CHAVEIRO, Maylla Monnik. **Masculinidades hegemônicas e violência contra mulheres nas mídias**: Críticas ao movimento Redpill.



Revista Unitins: Uma mirada interdisciplinar nas relações de gênero, comunicação e direitos humanos, v. 11 n. 3 (2024). Disponível em: <https://11nq.com/unitins-article-view-9306>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **As linguagens da cibercultura**. In: VIEIRA, Márcia dos Santos Machado; WIEDEMER, Marcos Luiz (orgs.). Saberes em sociolinguística: trilhas, demandas e proposições. São Paulo: Pá de Palavra, 2023. p. 85–97.

SUZUKI Shin. **Como coaches da ‘redpill’ atraem adeptos na esteira da crise da masculinidade**. BBC News, São Paulo, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2v1y49yp6vo>. Acesso em: 22 abr. 2025.

VAN Dijck, J; Nieborg, D; Poell, P. **Plataformização**. Fronteiras – estudos midiáticos, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 01 set. 2025.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.